

Prefácio

Dante Augusto Galeffi

SciELO Books / SciELO Livros / SciELO Libros

SANTOS, AKA. *Infância e afrodescendente: epistemologia crítica no ensino fundamental* [online]. Salvador : Editora EDUFBA, 2006. 165 p. ISBN 85-232-0385-0. Available from SciELO Books <<http://books.scielo.org>>.



All the contents of this chapter, except where otherwise noted, is licensed under a Creative Commons Attribution-Non Commercial-ShareAlike 3.0 Unported.

Todo o conteúdo deste capítulo, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença Creative Commons Atribuição - Uso Não Comercial - Partilha nos Mesmos Termos 3.0 Não adaptada.

Todo el contenido de este capítulo, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia Creative Commons Reconocimiento-NoComercial-CompartirIgual 3.0 Unported.

PREFÁCIO

Infância Afrodescendente: Epistemologia Crítica no Ensino Fundamental. Com este tema, Ana Katia reuniu as principais dimensões de sua investigação: Ciência da Educação na Bahia, Infância Afrodescendente, Epistemologia Crítica e Ensino Fundamental. Quero dizer, seu objeto investigativo é um campo de sentido e significação que congrega uma constelação compreensiva de comum-pertencimento entre Ciência, Infância, Afrodescendência e Ensino Fundamental.

O caminho percorrido é de uma felicidade incomum. Tudo nele fala do mesmo sentido do comum-pertencimento de ser-humano-mundo e natureza. Preciso, claro, compassivo, denunciador, consistente é o discurso construído por Ana Katia em sua saga poética e restauradora. De repente, a época do abandono e da carência se vê desfeita pela beleza e rigor de um gesto simples e direto, um acontecer outro que não é mais da época da desconstrução. Lançada em uma jorrância utópica, no sentido próprio do termo, Ana Katia realiza uma abertura inaugural com sua origem primeva, ofertando seu dom à transposição do estado de indigência do afrodescendente para o estado de plenitude de sua diferença. Crítica e solução se aliam na configuração de uma Ciência do Educar, uma Epistemologia Crítica, cujo *ethos* emana da compreensão integradora de ser-humano-natureza. O que ela chama de Epistemologia Crítica é um ato fundador de um fazer científico re-

significado em sua ontologia. O horizonte compreensivo de Ana Katia se ramifica e se espalha na compreensão ontológica e pré-ontológica dos fenômenos.

Ora, fenômeno é sempre o *aparecer de algo para alguém*. Fenômeno é acontecimento do ser-sendo. Quero dizer, ela não tomou a atitude fenomenológica como uma mera figura de linguagem e nem muito menos como um "método" imitativo das ciências ditas positivas ou objetivas. De forma pertinente e direta, ela seguiu o sentido próprio e apropriado de um exercício fenomenológico radical, articulando a atitude aí implicada com o universo afrodescendente em sua essencialidade de inteireza e plenitude livres de sujeições e exclusões ideológicas. De onde provém esta força compreensiva que a tudo une em sua passagem e morada?

Fico perguntando acerca do mistério do *aparecer do sentido-sendo em sua plenitude*, e re-descubro a origem comum de tudo. A comunidade de sentido pertence a conjuntura do simples. Assim, o jogo de exclusões e centralidades hegemônicas é um traço histórico da dominação planetária fundada na fragmentação e separatividade. Bem analisada, a dominação própria da racionalidade moderna europeia não anula e nunca anulou o mistério do ser vivente em suas múltiplas florações.

De forma própria e apropriada, Ana Katia des-velou, em consonância com a sua ancestralidade, o princípio ontológico do comum-pertencimento de tudo, a partir de uma "procura ciente" transformada em "investigação" em que o "questionado" é "determinado de maneira libertadora", sem nunca abandonar o *lôcus* espiritual de sua filo e ontogenia. Isto é a expressão de uma radical revolução compreensiva do ser-no-mundo-com, em que as forças arcaicas e ancestrais se renovam na florescência do que se doa na conjugação da temporalidade instante. Aí o cuidar é a palavra-vida. Um modo de ser para além dos territórios da racionalidade instituída e imperante, um modo de ser afrodescendente: uma diferença libertadora.

Diferentemente da profecia em que o poeta dionisíaco Zaratustra anuncia a "morte de Deus", Ana Katia parece profetizar justamente o "renascimento da divindade" no coração ciente da humanidade. A virada epistemológica cumprida reconcilia o ato de origem com o sentido próprio do fazer ciência. Nesta medida, se o Zaratustra de Nietzsche configura o desespero do homem moderno diante de suas próprias armadilhas racionais, e nesta mesma direção, a hermenêutica fundamental de Heidegger denuncia o "esquecimento do ser", por razões históricas muito próprias do ciclo historial do Ocidente, ambos não podem profetizar senão a "morte de Deus" e a "morte da metafísica", pois permanecem encravados no emaranhado da racionalidade eurocêntrica, apesar de terem realizado uma saída ontológica que *deu e dá* a pensar no além homem monológico. Entretanto, eles mesmos não poderiam profetizar o "renascimento do divino".

Tudo isso para dizer: Ana Katia pode falar do renascimento do divino no coração da humanidade porque o seu fundamento ontológico é afrodescendente. Indiscutivelmente, isto é uma dádiva para todos os que para ele se abrirem. Por que devemos insistir na desolação e no niilismo da racionalidade imperante? Será que bebendo das fontes primevas seremos capazes de nos libertar do desamor avassalador? E por quê haveríamos de buscar nossa dignidade ontológica na tecnociência insana e maquinica, desumana e alienante?

A virada epistemológica apresentada por Ana Katia reúne a força necessária para configurar uma educação infantil afrodescendente fundada em princípios emanados da simbólica dos orixás. Os mesmos são extraordinariamente universais e organizadores de um ethos cosmocêntrico capaz de iluminar a saga de uma humanidade além do homem da razão instrumental e monológica.

O percurso epistemológico realizado por Ana Katia mostra, com apuro e rigor, uma alternativa que reúne os princípios

da reconciliação, integração, novos padrões de convivência, compartilhamento, criação, co-responsabilidade, multiplicidade, diversidade da vida, rigor simples e delicado, força, inteligência, justiça, acolhimento e respeito à natureza. Tais princípios são suficientemente universais para comporem uma educação da infância dos afrodescendentes constituída a partir de uma atitude de absoluta unidade de corpo e mente. Isto, então, tem a dizer a todos nós, na medida em que somos todos responsáveis pelos desígnios do mundo globalizado.

Sei que o que estou dizendo se mostra extemporâneo, inatural, no sentido da temporalidade não domada pela racionalidade, e sei como a própria Ana Katia se sente diante de tamanha inflexão implicada. Assim é até melhor, porque se preserva o acontecimento de seu indevido desvio. Quero desejar para Ana Katia toda a proteção e axé dos orixás, de maneira que a sua simplicidade permaneça perfurando as barreiras do tempo psicológico da centralidade racial dos de cor branca. A simplicidade é a marca dos que pisam com firmeza e se lançam duráveis na passagem do tempo. A forma correta, abundante e atenciosa de seu texto é a expressão mais concreta de um ato co-criador que se conjuga à força do tempo dos ancestrais e se enfortalece na agoridade do presente vivo como afirmação do fluir incessante que não conhece ocaso.

Agradeço a oportunidade de compartilhar da aventura de conceber e realizar uma educação fundamental que atente para os princípios antes citados, e que promova a constituição de seres humanos abertos ao aprendizado multifacetado e sempre "misterioso" do ser-mundo, na dinâmica existencial e simbólica da sabedoria afrodescendente.

Parabenizo, assim, Ana Katia, pelo singular trabalho apresentado, almejando que o que nele se encontra apenas esboçado como abertura para o modo de ser afrodescendente possa tornar-se caminho fecundo para uma revolução que possua a grandeza de poder

congregar em um mesmo âmbito a potência humana multiplicada em suas mais diversas moradas e modos genuínos de ser-com.

Por fim devo dizer que não tenho nenhuma questão que comprometa a integridade da obra. Desejo, também, que a mesma possa ser amplamente divulgada, porque, além de teorizar diligentemente sobre o tema da infância afrodescendente, apresenta uma crítica apurada e consistente ao modo de ser do professor educado no regime monológico da razão instrumental, prospectando possibilidades curriculares ainda impensadas. Parabéns pelo trabalho e pela coerência com a vida-vivente.

DANTE AUGUSTO GALEFFI

Dr. em Filosofia da Educação e Coordenador da linha de pesquisa Filosofia, Linguagem e Práxis Pedagógica, do Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal da Bahia